

Entre medidas e histórias

Kevyn dos Santos Brito

Araguaína, Tocantins, Brasil

Email: santoskevyn009@gmail.com

Estudante do primeiro período do curso de licenciatura em Matemática
Universidade Federal do Norte do Tocantins

Era mais um daqueles dias comuns, ou pelo menos eu achei que fosse. O sol ainda não estava tão forte quando passei por uma construção perto de casa. Não era nada grande, só mais uma obra simples, dessas que a gente vê todos os dias e nem repara muito. Mas naquele dia, por algum motivo, eu parei.

Um senhor, já com aparência cansada, segurava uma linha esticada entre dois pontos. Ele dava alguns passos para trás, olhava, puxava um pouco mais, ajustava com cuidado. Não havia régua grande, nem trena visível, muito menos algum aparelho moderno. Ainda assim, ele parecia ter certeza do que estava fazendo.

Fiquei observando por alguns segundos. Na minha cabeça, acostumada com fórmulas, medidas exatas e cálculos organizados, aquilo parecia meio estranho. Como alguém poderia construir algo “correto” sem usar exatamente aquilo que eu aprendi como necessário?

Foi então que um outro homem, provavelmente ajudante, perguntou algo sobre a medida. O senhor respondeu com naturalidade, como quem já fez aquilo centenas de vezes. Não citou números complicados, nem falou de cálculos formais. Apenas explicou com base no que via, no que sentia, no que já conhecia.

Segui meu caminho, mas aquilo ficou na minha cabeça. Na faculdade, a matemática sempre chega organizada, cheia de regras, símbolos e definições. Existe um jeito certo, um método correto, uma resposta exata. E realmente, isso é importante. Mas naquela hora, olhando aquela construção simples, percebi que existia outra matemática ali, uma matemática viva.



Não era a matemática do quadro ou do caderno. Era a matemática do cotidiano, construída na prática, na experiência, no tempo. E foi aí que comecei a entender melhor o que antes parecia só um termo complicado: etnomatemática.

Talvez a matemática não esteja apenas nos livros, mas também nas mãos de quem constrói, vende, mede, organiza. Talvez ela esteja presente nas escolhas do dia a dia, nas soluções improvisadas, nas formas que cada pessoa encontra para resolver seus próprios problemas.

E mais do que isso, comecei a perceber que essa matemática não anda sozinha. Naquela cena simples da construção, havia mais do que números. Havia cultura, história, experiência de vida. Havia um jeito de aprender que não veio da escola, mas do convívio, do trabalho, da necessidade. Aquilo não era só matemática, assim como também não era só prática. Era uma mistura.

Uma mistura de saberes. Talvez seja isso que chamam de transdisciplinaridade: quando os conhecimentos deixam de ficar separados e passam a se encontrar. Quando a matemática conversa com a vida, com a cultura, com a experiência.

E, pensando bem, faz sentido. Afinal, a vida não vem dividida em matérias. A gente não vive um momento de matemática, depois um de história, outro de geografia. Tudo acontece junto, ao mesmo tempo.

Aquele senhor da construção talvez nunca tenha usado esse nome complicado. Talvez nunca tenha ouvido falar de etnomatemática ou transdisciplinaridade. Mas, de alguma forma, ele vivia isso todos os dias.

Enquanto eu, com todo o meu estudo, ainda estava tentando entender. Continuei andando, mas com outra visão. Passei a reparar mais nas coisas simples: na forma como alguém organiza produtos na feira, no troco calculado de cabeça, na maneira como as pessoas resolvem problemas sem papel ou caneta.

Percebi que existe um conhecimento que não está nos livros, mas que também ensina. Um conhecimento que não segue fórmulas, mas que funciona. E talvez o maior erro seja pensar que apenas um desses saberes é válido.

No fim das contas, aquela parada rápida na construção me ensinou mais do que eu esperava. Não foi uma aula formal, não teve quadro nem explicação detalhada. Mas teve algo que, às vezes, falta dentro da sala: sentido.

Hoje, quando penso em matemática, já não consigo vê-la da mesma forma. Ela não está só nas provas ou nos exercícios. Ela está nas pessoas.

E, talvez, entender isso seja o primeiro passo para realmente aprender.

Entre medidas e histórias

Between measures and stories

Entre medidas e historias

Resumo

A crônica aborda a presença da matemática no cotidiano a partir da observação de uma situação simples em uma construção. O texto evidencia práticas matemáticas não formalizadas no ambiente escolar, mas presentes na experiência dos indivíduos. A narrativa propõe uma reflexão sobre a etnomatemática, destacando a relação entre cultura e conhecimento. Além disso, sugere uma perspectiva transdisciplinar ao integrar elementos da vida cotidiana com conceitos matemáticos, mostrando que o conhecimento se constrói na interação entre diferentes saberes.

Palavras-chave: Etnomatemática. Cotidiano. Conhecimento. Cultura. Matemática.

Abstract

The chronicle addresses the presence of mathematics in everyday life through the observation of a simple situation in a construction setting. The text highlights mathematical practices not formalized in school environments but present in individuals' experiences. The narrative proposes a reflection on ethnomathematics, emphasizing the relationship between culture and knowledge. It also suggests a transdisciplinary perspective by integrating elements of daily life with mathematical concepts, showing that knowledge is built through the interaction of different forms of understanding.

Keywords: Ethnomathematics. Everyday life. Knowledge. Culture. Mathematics.

Resumen

La crónica aborda la presencia de la matemática en la vida cotidiana a partir de la observación de una situación simple en una construcción. El texto evidencia prácticas matemáticas no formalizadas en el ámbito escolar, pero presentes en la experiencia de los individuos. La narrativa propone una reflexión sobre la etnomatemática, destacando la relación entre cultura y conocimiento. Además, sugiere una perspectiva transdisciplinaria al integrar elementos de la vida cotidiana con conceptos matemáticos, mostrando que el conocimiento se construye a partir de la interacción entre diferentes saberes.

Palabras clave: Etnomatemática. Vida cotidiana. Conocimiento. Cultura. Matemática.